

DOMINGO XII DO TEMPO COMUM

CIC 599-605: a morte redentora de Cristo no desígnio divino da salvação

- 599** A morte violenta de Jesus não foi fruto do acaso, nem coincidência infeliz de circunstâncias várias. Faz parte do mistério do desígnio de Deus, como Pedro explica aos judeus de Jerusalém, logo no seu primeiro discurso no dia de Pentecostes: «Depois de entregue, segundo o desígnio determinado e a previsão de Deus» (*Act 2, 23*). Esta linguagem bíblica não significa que os que «entregaram Jesus»¹ foram simples actores passivos dum drama previamente escrito por Deus.
- 600** A Deus, todos os momentos do tempo estão presentes na sua actualidade. Por isso, Ele estabelece o seu desígnio eterno de «predestinação», incluindo nele a resposta livre de cada homem à sua graça: «Na verdade, Herodes e Pôncio Pilatos uniram-se nesta cidade, com as nações pagãs e os povos de Israel, contra o vosso santo Servo Jesus, a quem ungistes². Cumpriram assim tudo o que o vosso poder e os vossos desígnios tinham de antemão decidido que se realizasse» (*Act 4, 27-28*). Deus permitiu os actos resultantes da sua cegueira³, com o fim de levar a cabo o seu plano de salvação⁴.
- 601** Este plano divino de salvação, pela entrega à morte do «Servo, o Justo»⁵, tinha sido de antemão anunciado na Escritura como um mistério de redenção universal, quer dizer, de resgate que liberta os homens da escravidão do pecado⁶. São Paulo professa, numa confissão de fé que diz ter «recebido»⁷, que «Cristo morreu pelos nossos pecados *segundo as Escrituras*»⁸. A morte redentora de Jesus deu cumprimento sobretudo à profecia do Servo sofredor⁹. O próprio Jesus apresentou o sentido da sua vida e da sua morte à luz do Servo sofredor¹⁰. Após a sua ressurreição, deu esta interpretação das Escrituras aos discípulos de Emaús¹¹ e depois aos próprios Apóstolos¹².
- 602** Consequentemente, Pedro pôde formular assim a fé apostólica no plano divino da salvação: «fostes resgatados da vã maneira de viver herdada dos vossos pais, pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeito nem mancha,

¹ Cf. *Act 3, 13*.

² Cf. *Sl 2, 1-2*.

³ Cf. *Mt 26, 54; Jo 18, 36; 19, 11*.

⁴ Cf. *Act 3, 17-18*.

⁵ Cf. *Is 53, 11; Act 3, 14*.

⁶ Cf. *Is 53, 11-12; Jo 8, 34-36*.

⁷ Cf. *1 Cor 15, 3*.

⁸ Cf. também *Act 3, 18; 7, 52; 13, 29; 26, 22-23*.

⁹ Cf. *Is 53, 7-8; Act 8, 32-35*.

¹⁰ Cf. *Mt 20, 28*.

¹¹ Cf. *Lc 24, 25-27*.

¹² Cf. *Lc 24, 44-45*.

predestinado antes da criação do mundo e manifestado nos últimos tempos por nossa causa» (1 Pe 1, 18-20). Os pecados dos homens, que se seguiram ao pecado original, foram castigados com a morte¹³. Enviando o seu próprio Filho na condição de escravo¹⁴, que era a de uma humanidade decaída e votada à morte por causa do pecado¹⁵, «a Cristo, que não conhecera o pecado, Deus fê-lo pecado por amor de nós, para que, em Cristo, nos tornássemos justos aos olhos de Deus» (2 Cor 5, 21).

- 603** Jesus não conheceu a reprovação como se tivesse pecado pessoalmente¹⁶. Mas, no amor redentor que constantemente O unia ao Pai¹⁷, assumiu-nos no afastamento do nosso pecado em relação a Deus a ponto de, na cruz, poder dizer em nosso nome: «Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonaste?» (Mc 15, 34)¹⁸. Tendo-O feito solidário connosco, pecadores, «Deus não poupou o seu próprio Filho, mas entregou-O para morrer por nós todos» (Rm 8, 32), para que fôssemos «reconciliados com Ele pela morte do seu Filho» (Rm 5, 10).
- 604** Entregando o seu Filho pelos nossos pecados, Deus manifesta que o seu plano sobre nós é um desígnio de amor benevolente, independente de qualquer mérito da nossa parte: «Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, foi Deus que nos amou a nós e enviou o seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados» (1 Jo 4, 10)¹⁹. «Deus prova assim o seu amor para connosco: Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores» (Rm 5, 8).
- 605** Este amor é sem exclusão. Jesus lembrou-o ao terminar a parábola da ovelha perdida: «Assim, não é da vontade do meu Pai, que está nos céus, que se perca um só destes pequeninos» (Mt 18, 14). E afirma «dar a Sua vida em resgate *pela multidão*» (Mt 20, 28). Esta última expressão não é restritiva: simplesmente contrapõe o conjunto da humanidade à pessoa única do redentor, que Se entrega para a salvar²⁰. No seguimento dos Apóstolos²¹, a Igreja ensina que Cristo morreu por todos os homens, sem excepção: «Não há, não houve, nem haverá nenhum homem pelo qual Cristo não tenha sofrido»²².

CIC 1435: tomar a própria cruz, todos os dias, e seguir Jesus

- 1435** A conversão realiza-se na vida quotidiana por gestos de reconciliação, pelo cuidado dos pobres, o exercício e a defesa da justiça e do direito²³, pela confissão das próprias faltas aos irmãos, pela correcção fraterna, a revisão de vida, o exame de consciência, a direcção espiritual, a aceitação dos sofrimentos, a

¹³ Cf. Rm 5, 12; 1 Cor 15, 56.

¹⁴ Cf. Fl 2, 7.

¹⁵ Cf. Rm 8, 3.

¹⁶ Cf. Jo 8, 46.

¹⁷ Cf. Jo 8, 29.

¹⁸ Cf. Sl 22, 1.

¹⁹ Cf. 1 Jo 4, 19.

²⁰ Cf. Rm 5, 18-19.

²¹ Cf. 2 Cor 5, 15; 1 Jo 2, 2.

²² CONCÍLIO DE QUIERCY (ano 853), *De libero arbitrio hominis et de predestinatione*, canon 4: DS 624.

²³ Cf. Am 5, 24; Is 1, 17.

coragem de suportar a perseguição por amor da justiça. Tomar a sua cruz todos os dias e seguir Jesus é o caminho mais seguro da penitência²⁴.

CIC 787-791: a Igreja, comunhão com Cristo

- 787** Desde o princípio, Jesus associou os discípulos à sua vida²⁵. Revelou-lhes o mistério do Reino²⁶; deu-lhes parte na sua missão, na sua alegria²⁷ e nos seus sofrimentos²⁸. Jesus fala duma comunhão ainda mais íntima entre Ele e os que O seguem: «Permanecei em Mim, como Eu em vós [...]. Eu sou a cepa, vós os ramos» (*Jo* 15, 4-5). E anuncia uma comunhão misteriosa e real entre o seu próprio Corpo e o nosso: «Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em Mim e Eu nele» (*Jo* 6, 56).
- 788** Quando a sua presença visível lhes foi tirada, Jesus não deixou órfãos os discípulos²⁹. Prometeu-lhes ficar com eles até ao fim dos tempos³⁰, e enviou-lhes o seu Espírito³¹. A comunhão com Jesus tornou-se, de certo modo, mais intensa: «Comunicando o seu Espírito aos seus irmãos, por Ele reunidos de todas as nações, constituiu-os seu Corpo Místico»³².
- 789** A comparação da Igreja com um corpo lança uma luz particular sobre a ligação íntima existente entre a Igreja e Cristo. Ela não está somente reunida *à volta d'Ele*: está unificada *n'Ele*, no seu Corpo. Na Igreja, Corpo de Cristo, são de salientar mais especificamente três aspectos: a unidade de todos os membros entre si, pela união a Cristo; Cristo, Cabeça do Corpo; a Igreja, Esposa de Cristo.
- 790** Os crentes que respondem à Palavra de Deus e se tornam membros do Corpo de Cristo, ficam estreitamente unidos a Cristo: «Neste Corpo, a vida de Cristo difunde-se nos crentes, unidos pelos sacramentos, dum modo misterioso e real, a Cristo sofredor e glorificado»³³. Isto verifica-se particularmente no Baptismo, que nos une à morte e ressurreição de Cristo³⁴, e na Eucaristia, pela qual, «participando realmente no Corpo de Cristo», somos elevados à comunhão com Ele e entre nós³⁵.
- 791** Mas a unidade do Corpo não anula a diversidade dos membros: «Na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e funções. É o mesmo Espírito que distribui os seus vários dons, segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja»³⁶. A unidade do Corpo Místico produz e

²⁴ Cf. *Lc* 9, 23.

²⁵ Cf. *Mc* 1, 16-20; 3, 13-19.

²⁶ Cf. *Mt* 13, 10-17.

²⁷ Cf. *Lc* 10, 17-20.

²⁸ Cf. *Lc* 22, 28-30.

²⁹ Cf. *Jo* 14, 18.

³⁰ Cf. *Mt* 28, 20.

³¹ Cf. *Jo* 20, 22; *Act* 2, 33.

³² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 7: AAS 57 (1965) 9.

³³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 7: AAS 57 (1965) 9.

³⁴ Cf. *Rm* 6, 4-5; *1 Cor* 12, 13.

³⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 7: AAS 57 (1965) 9.

³⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 7: AAS 57 (1965) 10.

estimula a caridade entre os fiéis: «Daí que, se algum membro padece, todos os membros sofrem juntamente; e se algum membro recebe honras, todos se alegram»³⁷. Em suma, a unidade do Corpo Místico triunfa sobre todas as divisões humanas: «Todos vós que fostes baptizados em Cristo, fostes revestidos de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; porque todos vós sois um só, em Cristo Jesus» (*Gl* 3, 27-28).

CIC 1227, 1243, 1425, 2348: “revestir-se de Cristo”; o Baptismo, a castidade

1227 Segundo o apóstolo São Paulo, pelo Baptismo o crente comunga na morte de Cristo; é sepultado e ressuscita com Ele:

«Todos nós, que fomos baptizados em Cristo Jesus, fomos baptizados na sua morte. Fomos sepultados com Ele pelo baptismo na morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova» (*Rm* 6, 3-4)³⁸.

Os baptizados «revestem-se de Cristo»³⁹. Pelo Espírito Santo, o Baptismo é um banho que purifica, santifica e justifica⁴⁰.

1243 A *veste branca* simboliza que o baptizado «se revestiu de Cristo»⁴¹: ressuscitou com Cristo. A *vela*, acesa no círio pascal, significa que Cristo iluminou o neófito. Em Cristo, os baptizados são «a luz do mundo» (*Mt* 5, 14)⁴².

O recém-baptizado é agora filho de Deus no seu Filho Único e pode dizer a oração dos filhos de Deus: O *Pai-Nosso*.

1425 «Vós fostes lavados, fostes santificados, fostes justificados pelo nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus» (*1 Cor* 6, 11). Precisamos de tomar consciência da grandeza do dom de Deus que nos foi concedido nos sacramentos da iniciação cristã, para nos apercebermos de até que ponto o pecado é algo de inadmissível para aquele que «foi revestido de Cristo»⁴³. Mas o apóstolo São João diz também: «Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós» (*1 Jo* 1, 8). E o próprio Senhor nos ensinou a rezar: «Perdoai-nos as nossas ofensas» (*Lc* 11, 4), relacionando o perdão mútuo das nossas ofensas com o perdão que Deus concederá aos nossos pecados.

2348 Todo o baptizado é chamado à castidade. O cristão «revestiu-se de Cristo»⁴⁴, modelo de toda a castidade. Todos os fiéis de Cristo são chamados a levar uma vida casta, segundo o seu estado de vida particular. No momento do seu Baptismo, o cristão comprometeu-se a orientar a sua afectividade na castidade.

³⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 7: AAS 57 (1965) 10.

³⁸ Cf. *Cl* 2, 12.

³⁹ Cf. *Gl* 3, 27.

⁴⁰ Cf. *1 Cor* 6, 11; 12, 13.

⁴¹ Cf. *Gl* 3, 27.

⁴² Cf. *Fl* 2, 15.

⁴³ Cf. *Gl* 3, 27.

⁴⁴ Cf. *Gl* 3, 27.